

# PENSAR O **(im)PENSÁVEL**



INSTITUTO CIÊNCIA E FÉ E PUCPRESS  
DEBATEM A PANDEMIA COM

**ANTHONY GIDDENS E  
SOULEYMANE BACHIR DIAGNE**

**#PARTE 1**



Instituto  
Ciência e  
Fé PUCPR

**PUCPRESS**

# Pensar o **(im)pensável**

Instituto Ciência e Fé  
e PUCPRESS debatem  
a pandemia com

**ANTHONY GIDDENS E  
SOULEYMANE BACHIR DIAGNE**

# PARTE 1



**Instituto  
Ciência e  
Fé PUCPR**



Com a parceria de:

Programa de  
Pós-graduação em  
Filosofia PUCPR

Laboratório de  
Estudos sobre o  
Contemporâneo

## **SOBRE OS CONVIDADOS**

**Anthony Giddens** é um sociólogo britânico e ex-diretor da *London School of Economics and Political Sciences*.

**Souleymane Bachir Diagne** é um filósofo senegalês e historiador da lógica matemática. Professor na Universidade de Columbia, em Nova York.

---

## **SOBRE OS CURADORES**

**Fabiano Incerti** é filósofo, professor do Programa de Pós-graduação em Filosofia da PUCPR e Diretor do Instituto Ciência e Fé PUCPR.

**Douglas Borges Candido** é filósofo, doutorando pelo Programa de Pós-graduação em Filosofia da PUCPR e Especialista do Instituto Ciência e Fé PUCPR.

---

## **TRADUÇÃO**

**Entrevista Anthony Giddens:** Carmen Terezinha Koppe e Marta Matilde Luchesa.

**Entrevista Souleymane Bachir Diagne:** Eduardo Portanova Barros

**Pensar o (im)pensável: Instituto Ciência e Fé e PUCPRESS debatem a pandemia** é uma série de entrevistas que serão realizadas a partir de diferentes perspectivas do saber sobre os impactos da pandemia. A seleção e a organização do conteúdo estão sob curadoria de Fabiano Incerti e Douglas Borges Candido, do Instituto Ciência e Fé PUCPR, e a edição pela equipe da PUCPRESS. Revisão de texto: Elisama Nunes. Projeto gráfico e diagramação: Indianara de Barros.



### **Como a pandemia de Covid-19 mudou o mundo? E qual será o seu maior impacto no desenvolvimento da trajetória do mundo?**

Tenho pontos de vista fortes sobre isso, porque não se pode simplesmente supor que há tantas pessoas achando que o mundo estava indo razoavelmente bem e então a pandemia veio e mudou tudo. Essa não é a maneira de entender a natureza real da pandemia e para mim é crucial reconhecer que essa pandemia é bem diferente de quaisquer pandemias que aconteceram antes. Vou falar um pouco mais sobre isso depois. O pano de fundo para a pandemia, que deve moldar nossa compreensão, é que estamos vivendo um período de mudanças como a humanidade nunca viveu antes. Nunca estivemos num momento histórico como esse. É por isso que uso essa frase que chamo de viver fora do limite da história, e há tantas questões com as quais temos de lidar. A humanidade não teve que confrontar-se na maioria das gerações anteriores e a pandemia é a expressão de um mundo já em grande transformação. Entre esses fatores, certamente, um dos principais deles, sobre os quais trabalhei muito nos últimos anos foi o impacto da revolução digital e suas transformações pela inteligência artificial. A pandemia expressa o fato de que o mundo está intrinsecamente interconectado de uma forma que não acontecia há pelo menos vinte anos. E a interconexão interdigital é um dos principais fatores que permitiu as conexões mais importantes

### **How has the Covid-19 pandemic changed the world? What will be its biggest impact on the development trajectory of the world?**

*I've got some strong views on that because you can't just suppose there are so many people doomed that the world was going along reasonably well, and then the pandemic came along and changed everything. That is not the way to understand the nature pandemic and to me, it's crucial to recognize this is quite different from any previous pandemic that has happened, and I say a bit more about that later on. The backdrop to the pandemic, which should shape our understanding of it, is that we're living through a period of change such as humanities have never experienced before. We've never been in this moment of history before and that's why I used this phrase I call, living off the edge of history. So many issues that we have to deal with. Humanity had not to confront in most previous generations and the pandemic is an expression of a world already in huge transformation. Among those factors, one of the main ones, that certainly I've spent a long time of the last few years working on, is the impact of the digital revolution and its transformation by AI (artificial intelligence) the pandemic expresses the fact that our world is just intrinsically interconnected in a way that was simply never the case even twenty years ago and digitally its connection is one of the main factors. The most substantial connections possible, including the global economy. And then, we have*

---

<sup>1</sup> Tradução de Carmen Terezinha Koppe e revisão da tradução por Marta Matilde Luchesa.

incluindo uma grande parcela da economia global. Então temos uma população chegando a 8 bilhões de pessoas, temos grandes transformações no cotidiano, por exemplo, das necessidades de gênero, como vocês sabem, cercado por complexos e interessantes movimentos pelo mundo. Estamos vivendo em um período de dramáticas mudanças geopolíticas. Isso parece com os séculos antigos, um movimento não total, mas parcial, do poder global do mundo do Ocidente em direção à Ásia. E, é claro, o aspecto mais dramático é a ascensão da China e, então, as mudanças climáticas que nunca vivemos antes. Nossa geração está lidando com o impacto das mudanças climáticas induzidas por humanos. É por isso que falei apenas de viver fora do limite da história. Assim, a pandemia é uma expressão dessas mudanças, ao mesmo tempo em que está tendo um impacto sobre elas. Portanto, é crucial ter esse pano de fundo para entender o que realmente está acontecendo.

**Você descreve a atual pandemia como a primeira ‘digidêmica’ do mundo. Qual a diferença em relação às pandemias anteriores, especialmente a pandemia de 1918 que tem sido frequentemente comparada à atual?**

Eu cunho esse termo (‘digidêmico’) para dizer que é o primeiro digidêmico do mundo em um tom não banal. Quer dizer, essa pandemia se espalhou pelo mundo quase na velocidade da luz, o que expressa nossa interconexão. E nossa resposta a isso foi digital, pois pense no que estamos fazendo hoje. Poderíamos estar no Zoom. Quer dizer, eu passo grande parte do dia no Zoom, porque o Parlamento Britânico, do qual faço parte, na Câmara dos Lordes, trabalha

*a population going up to eight billion people, and we have huge transformations in everyday life. Around, for example, gender and ethnicity, as you know, surrounded by complex and interesting movements around the world. We’re living through a period of dramatic geopolitical change. This essentially is the beginning, it looks like of the Asian century, a move, certainly not a total move, but a partial move of global power away from the West and towards Asia and, of course, the most dramatic aspect of that is the rise of climate, of China and then, finally, climate change. We’ve never had to live before. The current generation dealing with the impact of humanly induced climate change. That’s why I’ve talked about living off the edge of history. And the pandemic is an expression of those changes, at the same time, as it’s having an impact on them. So, it’s crucial to have that backdrop to understand what is actually going on.*

**You describe the current pandemic as the world’s first ‘digidemic’. How is it different from previous pandemics, especially the 1918 pandemic, which has often been compared to the current one?**

*I coin this term ‘digidemic’ to say it’s the world’s first digidemic and I mean by that not a trivializing term. I mean, this pandemic spread around the world almost through lightning speed, which expresses our interconnectedness. And our response to it, digitally, think what we did today. We could’ve been on Zoom. I mean, I spend so much of the day on Zoom, because the British Parliament, which I’m part of in the House of Lords, works mainly digitally, these days. And, truly, important to see that our digital response*

principalmente por meio do Zoom, atualmente. É realmente importante ver que nossa resposta digital tem sido eficaz de várias maneiras. Isso nos permitiu conter a pandemia, pelo menos em uma ampla gama de países em todo o mundo. De certa forma, isso não foi possível, por exemplo, em 1918, quando a gripe asiática era algo como uma pandemia global, mas não tão global quanto essa. Conseguimos ainda manter, embora cada país com sua forma de *lockdown*, foi possível transformar parte da linha natural, que nos permitiu conter grandes aspectos da então globalmente destrutiva pandemia de 1918, a qual matou 100 milhões de pessoas, possivelmente em todo o mundo, e movimentando cerca de 1,8 bilhão na época. Não poderíamos fazer o que estamos fazendo agora. E, o que estou fazendo, falando com você no WhatsApp, mas poderíamos facilmente estar no Zoom. É pelo o Zoom que grande parte da vida acadêmica continua acontecendo. Mas poderia ser outra plataforma de comunicação on-line.

Eu vejo este mundo como um mundo de inovação também. Com a pandemia há um grande estímulo, eu acho, para a inovação. Então, temos que desempacotar todo o pacote se quisermos realmente entender a natureza da pandemia. O mesmo acontece com as vacinas que, sem o sequenciamento genético do vírus, não poderiam ser decodificadas. Da forma como foi feito, a China decodificou a estrutura genética do vírus em cerca de dez dias?! A estrutura genética foi liberada para o resto do mundo e cientistas de todo o mundo começaram a trabalhar na criação de vacinas. Nunca tínhamos visto nada assim antes. As transformações extraordinárias envolvidas em um grande número de vacinas

*has been effective in many ways. It's allowed us to contain the pandemic, at least, in a whole range of countries across the world. In a way, that's not possible, for example, in 1918, when Asian flu was something like a global pandemic, but not as global as this one is. We've managed to keep, even though, every country has to have some form of lockdown, we've still managed to transfer so much online that this has allowed us to contain large aspects of the otherwise globally destructive pandemic in the 1918 pandemic, which killed 100 million people, possibly worldwide, and running 1.8 billion at that time. We couldn't do that what we're doing now. And, what I'm doing talking to you on Whatsapp, we could of very easily been on Zoom. It's just that you get fed up with being on Zoom all day. We could've been on Zoom and large chunks of academic life have kept going.*

*So, I see this world as a world of innovation too. With the pandemic it's a huge stimulus, I think, to innovation. And so, we have to unpack the whole package if we're going to really understand the nature of the pandemic. The same is true with vaccines because without AI, they are the genetic sequence of the virus could not have been decoded. The way it was done, China decoded the genetic structure of the virus in something like ten days? The memory stood to the rest of the world and scientists across the world have begun to work on the creation of vaccines. We've never seen anything like this before. The extraordinary transformations involved in whole numbers of vaccines being produced across the world, using similar databases. So, that's the package against which I think we should try to understand the pandemic, and*

sendo produzidas em todo o mundo, usando bancos de dados semelhantes. Portanto, esse é o pacote em que devemos tentar entender a pandemia, e não a tratar da maneira que a maioria das pessoas faz, assim como o mundo a que pertencemos. Muito recentemente, a pandemia perturbou tudo. Na verdade, a pandemia é uma espécie de consequência de enormes rupturas na sociedade mundial, que reflete, claro, e acrescenta, mas a situação é, portanto, não respeitar o dimensionamento, muito mais positivo do que muitos parecem pensar. Embora, grandes áreas, é claro, em questão.

**Para alguns intelectuais, a Covid-19 é um reflexo de uma ordem global neoliberal e mostra suas ineficiências e limitações. Você concorda?**

Bem, de certa forma é verdade, eu acredito, porque a liberação irrestrita das forças de mercado criou, como todos sabemos, trivialidades mundiais em muitos aspectos, por preço e lucro. Isso enfraqueceu, por exemplo, aspectos do poder do Estado, certamente, em vários países ocidentais. Por esse motivo, também enfraqueceu os sistemas de saúde e o de bem-estar. Devido a muitos desse aspectos, em algumas partes do mundo, por exemplo, na China, são organizadas principalmente pelo governo; em muitos países ocidentais são impulsionados mais pelas forças do mercado. Então, há aquele elemento de verdade nisso, mas isso é apenas uma parte, e acredito que há a necessidade de explicar isso muito mais amplamente. Não se pode ganhar muito. Apenas sobre o impacto do neoliberalismo, um dos aspectos fundamentais de toda a pandemia é essencialmente a transfor-

*not treat it in a way in which most people do, as though the world was going along quite reasonably, and then the pandemic disrupted everything. Actually, the pandemic is a kind of consequence of huge disruptions in world society, which it reflects, of course, it adds to, but the situation is, therefore, in lots of respects, I think, actually more positive than many people seem to think. Although, there are large areas of territories, of course, in the future.*

**For some intellectuals, Covid-19 is a reflection of a neoliberal global order and it shows its inefficiencies and limitations. Do you agree?**

*Well, it's true in some parts, I think, because the unfettered release of market forces created, as we all know, world-driven in many respects, by price and profit, and that has for example weakened aspects of state power, certainly, in quite a key of western countries. It by that token has also weakened health systems and welfare services because many aspects of these that in some other parts of the world, for example, in China, all organized primarily through government state in many Western countries driven more by market forces. So, there is that element of truth in it, but that's only one part of it and I think, you have to put that in a much wider framework of explanation. You can't make too much just on the impact of neoliberalism, one of the fundamental aspects of the whole pandemic is essentially the transformation in our relationships to the natural world and our intrusions on the natural world. Our destruction of large areas of nature, in Brazil. You know all too well. The struggles were around deforestation. Deforestation is, actually, one of*

mação em nossas relações com o mundo natural e nossas intrusões no mundo natural. Nossa destruição de grandes áreas da natureza, no Brasil. Você sabe muito bem. As lutas giraram em torno do desmatamento. O desmatamento é, na verdade, uma das principais causas das mutações de infecção, com as quais os seres humanos não estão em contato, pelo que sabemos, pelo menos. Então, o termo neoliberalismo não funciona nesse contexto. Como mencionei antes, há um conjunto de mudanças envolvidas aqui. Cabe a nós, cientistas sociais, saber como encontrar soluções, tendo uma abordagem mais sofisticada do que, por exemplo, como as que são encontradas nas discussões do dia a dia. Na mídia, há uma força complexa envolvida. Voltarei à questão do neoliberalismo mais tarde porque acho que a consequência real da situação global tem implicações realmente significativas para o neoliberalismo e seu destino.

**Você e Ulrich Beck argumentaram que a modernidade criou riscos enormes. A atual pandemia e sua propagação global são um exemplo disso?**

Sim, é um exemplo disso. Bem, em primeiro lugar, gostaria de homenagear o trabalho de Ulrich Beck. Não sei de fato, até que ponto o trabalho dele é bem conhecido no Brasil. Suponho que sim, mas ele era um grande amigo, além de colega. Na verdade, eu organizei para que ele pudesse ser professor visitante na LSE. Ele veio por muitos anos a nossa Escola. Ele teve um enorme impacto na sociedade irlandesa e britânica e é, certamente, importante. Dito isso, minha visão é um pouco diferente. Prefiro dizer isso por causa das mudanças que esbocei ante-

*the prime causes of the release of mutant forms of infection of other forms of consequences, which human beings have not been in contact with, as far as we know, anyway. So, you certainly mustn't make the term neoliberalism do too much work. As I mentioned before, you have a cluster of changes involved here. It's up to us, as social scientists, to how I regard myself disentangled this and to work out solutions, having a more sophisticated approach than for example, as you find in everyday discussions. In the media, there is a complex force involved here. I'll come back to the issue of neoliberalism later on because I think the actual consequence of the global situation has really significant implications for neoliberalism and its fate.*

**You and Ulrich Beck argued that modernity has created huge new risks. Are the current pandemic and its global spread an example of these?**

*Well, first of all, I like to pay tribute to the work of Ulrich Beck. I don't know in fact, how far his work is well known in Brazil. I presume it is, but he was a very good friend, as well as a colleague of mine. Actually, I arranged for him to come and be a visiting professor at the LSE. I don't know if you knew that. He came for several years to the LSE, you know, on a part-time basis. He's had an enormous impact. And, so for the National Risk Society is certainly important. That having been said, my own view is a bit different. I prefer to say that because of the changes I sketched earlier. We live in what I call a high opportunity high-risk world. I deliberately put the term opportunity before risk because I don't think it is just a matter of risk, giving us a huge mixture of opportunities*



riormente. Estamos vivendo no que chamo de mundo de grandes oportunidades e alto risco. Deliberadamente, eu trouxe o termo oportunidade antes do risco porque não pensei que fosse uma questão de risco, dando-nos uma grande mistura de oportunidades e riscos em toda a vida pessoal, em torno de identidades até o futuro de nossa sociedade global, devido às mudanças que descrevi um pouco antes.

Podemos, de repente, se concentrar na noção de risco porque a pandemia, obviamente, tem muito a ver com isso. E como todos provavelmente sabem, tudo começou com a catástrofe nuclear de Chernobyl. O risco de uma guerra nuclear não é comum, mas minha visão é mais, suponho, um mundo pós-guerra, se você quiser colocar dessa maneira. É porque é assim que uso o termo sociedade de alta oportunidade e alto risco. Acho que as oportunidades são enormes e, acredito também, que a intenção global e aplicação de vacinas é uma ilustração disso. Existem muitos, muitos outros. Portanto, sempre coloco o termo oportunidade antes de risco, mas o que quero dizer é que muitas das oportunidades, muitos dos riscos, a humanidade não enfrentou antes desse século. E não são confrontados de alguma forma antes dos últimos trinta ou quarenta anos. Então, esse é o tipo de sociedade que estou interessado em desvendar e entender. Eu acredito, e penso que Ulrich achava a mesma coisa. Mas é por isso que minha visão é um pouco diferente da dele.

### **Como você vê o equilíbrio entre liberdade pessoal e comportamento social responsável nessa pandemia?**

Bem, acredito que a primeira coisa a dizer é que esses dois não são opostos. Não se pode

*and risks through our personal lives, our own identities through to the future of our global society, because of the package of changes that I've described to you a bit earlier.*

*You were certainly right to focus on the notion of risk because and the pandemic obviously slots in with that. And as you probably know, it started with the Chernobyl Nuclear catastrophe. And the risk of nuclear war has not gone away, but my view is a more, I suppose, a positive one of the world, if you want to put it that way because that's why I use the term high opportunity high-risk society. I think the opportunities are huge and, I think, the example I just mentioned of global intention and application of vaccines is one illustration of that but there are many, many others. So, I always put the term opportunity before risk, but my point would be that many of the opportunities, many of the risks, humanity has not confronted before this century. And not confronted in some way before the last thirty or forty years. So, that's the kind of society that I'm interested in unpacking and understanding, I think, or it is the same, but that's the reason why my view is somewhat different from his. Powerful though, his impact deservedly was.*

### **How do you see the balance between personal freedom and responsible social behavior in this pandemic?**

*Well, I think the first thing to say is that these two are not opposites. You can't just counterpose freedom and responsible social behavior. Personal freedom core aspect. I think that is essential to stress, but I believe that you know, as it happens in many countries in Europe, the U. S. and elsewhere, and in some in Brazil, those who*

simplesmente se opor à liberdade e ao comportamento social responsável. O aspecto central da liberdade pessoal desse tipo de sociedade é essencial de ser enfatizado, mas acredito que como acontece em muitos países da Europa, nos EUA e em outros lugares, e em alguns no Brasil, aqueles que rejeitam os *lockdowns* massivos para rejeitar aqueles com base na liberdade têm o direito de fazer uso. Eles não têm o direito, nem nenhum cidadão em uma sociedade democrática, de simplesmente usar a violência para fazer isso, como aconteceu em confrontos entre países, mesmo na Alemanha, em torno deles. Para reconhecer os tipos de estratégias necessárias para controlar o vírus e talvez descobrir a ciência positiva de tudo isso, eu estava falando sobre ter que fazer isso dentro de uma estrutura democrática mais ampla nos países ocidentais. Então acredito que é preciso ter o que descrevo como uma responsabilidade social mais ampla eticamente. Não se pode apenas falar sobre liberdade pessoal versus restrição. Deve haver limites para essa liberdade no contexto da pandemia. Porque a pandemia é uma situação de crise. Temos muitos outros exemplos em que tentamos seguir em linha. Por exemplo, meio milhão de pessoas perderam a vida em acidentes de trânsito no mundo no ano passado, e isso acontece todos os anos. Nós seguimos na linha, se poderia dizer. Não tenho certeza se a linha é a certa porque para mim os acidentes de trânsito são aceitos de uma forma que não deveriam ser, mas, no entanto, os regulamentos que temos sobre limite de velocidade e assim por diante podem ter um grande impacto nesse processo. Não é apenas no contexto da pandemia, mas a relação entre liberdade e restrições devem ser

*disavow the use of massive lockdowns to reject those on the grounds of freedom have the right to make use their views heard. They don't have the right, nor does any citizen in a democratic society to simply utilize violence to do that, as happened in country confrontation even in Germany around this, but they have the right to make their views heard and our societies have to steer away through that. To recognize that the kinds of strategies needed to control the virus and perhaps to discover the positive sides of all this, I was talking about we have to do that within a wider democratic framework in Western countries. I think you have to have what I describe wider ethic of social responsibility. You can't just talk about personal freedom versus constraint. There must be limits to such freedom in the context of the pandemic. Because the pandemic is a crisis situation. But we have many other examples where you know, we tried to steer in line. For instance, one-half million people lost their lives in traffic accidents in the world last year and do so every year. Well, we steer in line there you could say. I'm not sure the virus is the right one because to me traffic accidents are accepted in a way in which they shouldn't be, but regulations we have on the speed limit and so forth can make a huge impact on that suit. It's not only in the context of the pandemic, but the relationship between freedom and constraint has to be negotiated. It's quite a big issue in Western countries, but I think so far, the outcome has mostly been reasonably constrained. There has been a widespread acceptance of the need for masks in some European countries. In the UK, it took quite a long time for most people to get used to wearing masks, but now they do. These things are evolving, but I*

negociadas. É um grande problema nos países ocidentais, mas acho que até agora o resultado foi razoavelmente limitado. Tem havido uma ampla aceitação da necessidade do uso de máscaras em alguns países europeus. No Reino Unido, demorou muito para as pessoas se acostumarem a usar máscaras, mas agora o fazem. Essas coisas estão evoluindo, mas acho que os acidentes de trânsito são interessantes, fazendo um paralelo e contrastam com o debate atual sobre a pandemia a esse respeito.

### **Os países se tornarão mais introvertidos cuidando da pandemia? Isso serviu para reforçar a identidade nacional?**

Devido à necessidade de dar resposta para a pandemia, até certo ponto, as sociedades tornaram-se mais fechadas em curto prazo. Todos nós sabemos disso. Mas, não é possível sustentar isso. Portanto, o mundo deve ser pioneiro em um caminho através e, de fato está sendo de alguma forma, mas não apenas devido a isso, mas por causa do que estou dizendo, de uma mistura de fenômenos extraordinários. Vacinas em todo o mundo – algo que não poderia ser feito antes desse período da história. As sociedades estão fechadas em alguns sentidos, como, por exemplo, não se pode simplesmente voar ao redor do mundo como costumávamos fazer, mas elas absolutamente não são fechadas digitalmente. Pense apenas no que fizemos hoje; poderíamos facilmente ter feito no Zoom. O Zoom só foi configurado há cerca de quinze anos ou algo parecido. É extraordinário, por um momento, e, você sabe, o mundo está maciçamente interconectado. Portanto, vê-lo fechado centralmente é errado. Não havia, simplesmente, uma zona

*think traffic accidents ropes an interesting sort of parallel contrast to the current debate about the pandemic in this respect.*

### **Will countries become more inward-looking after the pandemic? Has it served to reinforce national identity?**

*Societies because of the necessity of responding to the pandemic to some degree some have become more closed off in the short term. We all know about that. But it's not possible to sustain that. Therefore, the world must pioneer a way through and, indeed, is doing, in some part but not only because of that but, some part because of this what I'm saying, there's an extraordinary phenomenon. Mass creation of vaccines across the world, that simply could not have been done before this period of history. Societies are closed off in some senses, for example, you can't just fly around the world like we used to, and so forth, but they're absolutely not closed off digitally, only think about what we did today, we could easily have done on Zoom. Zoom, I think, has only been set up about fifteen years ago or something like that. It's extraordinary, for a moment then, and, you know, the world is massively interconnected. So, to see it centrally closed off is wrong. There weren't, simply, I think, there won't be a big focus on national identity. that won't depend a great deal on circumstances in different parts of the world. So, I don't think, one should make any wild generalizations about that. The outcome will be much more complex than that. A good deal will depend on how effective the response is being made across the world.*

*Actually is, if you follow that as I do in detail, we're living through a period of enormous trans-*

focal nacionalmente identificada e dependendo muito das circunstâncias em diferentes partes do mundo. Eu não acredito que se deva fazer quaisquer generalizações não controladas sobre isso. O resultado será muito mais complexo do que isso. Muito dependerá da eficácia da resposta em todo o mundo.

A verdade é, se acompanharmos em detalhes, estamos vivendo um período de enorme transformação, em termos de economia e socialização, a que a pandemia ajudou a forçar. Se olharmos para o acordo verde europeu, é um grande programa de investimento não contemplado antes desse período. É uma iniciativa muito positiva porque se sobrepõe a fortes imperativos ambientais. Acontece o mesmo nos EUA com o advento de Biden, o desaparecimento de Donald Trump como uma criatura na história mundial e quase o mesmo na China. A China é muito diferente em alguns aspectos. No entanto, é uma atitude muito proativa, é claro, para a recuperação. Assim, para mim, os EUA está simplesmente rejeitando o isolamento como nacionalismo. Claro que o nacionalismo permanecerá como uma força. Há uma demanda por liderança, uma boa parte da razão para o renascimento do populismo em todo o mundo, eu acho, foi, na verdade, projetada para a liderança em um mundo que se tornou muito intrigante porque o mundo que estou tentando descrever é muito diferente do passado. Todos nós sentimos isso no nosso cotidiano, nas nossas características globais, mas não haverá um simples retorno ao isolamento como nacionalismo. Temos uma mistura de consequências e podemos lidar com isso com um pouco mais de detalhes, também, um pouco mais tarde, talvez.

*formation in terms of economic and social innovation, which the pandemic has certainly helped to be forced to. So, if you look at the European Green Deal. It's a huge investment program, such as would never have been impossible, not contemplated before this period. It's a very positive initiative because it overlaps with strong environmental imperatives. It's much the same in the U.S. with the advent of Biden, the disappearance of Donald Trump as a creature in world history, and much the same in China. China is very different in some ways. Nevertheless, it's a very proactive attitude, of course, to recovery. So, to me, the U.S. has actually just rejected isolationist nationalism. Of course, nationalism will stay a force. There is a demand for leadership, a good deal of the reason for the revival of populism across the world, I think, was, actually, designed for leadership in a world which has become very puzzling, because the world I'm trying to describe to you is hugely different from the past. All of us, sense it in our everyday lives, in our global futures, but there won't be a simple return to isolationist nationalism. You have a mixture of consequences, and we can talk about that in a bit more detail a bit later on, as well, perhaps.*



**Você é um dos renomados estudiosos da atualidade do pensamento decolonialista. Quais as conclusões, de um ponto de vista do pensamento africano, sobre o que está acontecendo hoje, no mundo, com a Covid-19?**

Essa é uma pergunta fundamental, uma pergunta chave para os nossos tempos. O que a Covid-19 basicamente fez foi projetar uma luz sobre as desigualdades – que é, ao meu modo de entender, um aspecto fundamental ressaltado por essa pandemia. De um lado, a Covid-19 nos ensinou que somos uma humanidade única; o vírus nos mostrou que a humanidade é um país único. Ele pode ir de um lado do planeta para o outro em uma noite; no máximo, em um dia. Então, o vírus nos ensinou que deveríamos adaptar a nossa resposta a essas ameaças apropriadamente. Ou seja, nos juntar como povo único e responder a uma das maiores ameaças que a humanidade já enfrentou – o que eu não acho que já aconteceu na história da humanidade um momento onde tudo parou como dessa maneira. Nós praticamente paramos. Congelamos. Infelizmente, isso não foi o caso. Não foi essa a realidade de união entre os povos que pudemos ver. A pandemia, na verdade, intensificou e exacerbou a fragmentação da humanidade. Vimos o retorno dos etnonacionalismos; o populismo prosperou durante a Covid-19. Havia uma retórica do que deveria ser o mundo pós-Covid-19. Uma ideia de se ter – o que eu chamo no meu trabalho – uma política da humanidade. Para fazer referência a isso, eu uso a palavra *ubuntu*, uma palavra sul-africana que significa, resumidamente, atingir a nossa

**You are one of the most renowned scholars of today's decolonial thinking. What are the conclusions, from the point of view of African thought, about what happens nowadays, in the world, with Covid-19?**

*This is a fundamental question, a key question for our times. What Covid-19 basically did was to shed light on inequalities - which, in my view, is a fundamental aspect highlighted by this pandemic. On the one hand, Covid-19 taught us that we are a unique humanity; the virus showed us that humanity is a unique country. He can go from one side of the planet to the other in one night; at most, in one day. So, the virus taught us that we should adapt our response to these threats appropriately. In other words, joining together as a unique people and responding to one of the greatest threats that humanity has ever faced - which I don't think has ever happened in the history of humanity, a moment where everything stopped like this. We practically stopped. We froze. Unfortunately, that was not the case. This was not the reality of unity between peoples that we were able to see. The pandemic, in fact, has intensified and exacerbated the fragmentation of humanity. We have seen the return of ethnonationalisms; populism thrived during Covid-19. There was a rhetoric of what the post-Covid-19 world should be. An idea of having - what I call my work - a policy of humanity. To refer to this, I use the word *ubuntu*, a South African word that means, in short, reaching our humanity together. If there was a time, a time for this aspect of African humanism (*ubuntu*), it would have*

humanidade em conjunto. Se havia uma época, um momento para esse aspecto do humanismo africano (do *ubuntu*), teria sido hoje, na época da Covid-19. Essa ideia de que temos que atingir nossa humanidade em conjunto. No entanto, o que isso significa na atualidade? Inicialmente, sem sombra de dúvidas, temos que tentar lutar contra as desigualdades. Agora mesmo, à medida que estamos fazendo a vacinação em massa no mundo, a desigualdade está brotando. Ao invés de termos uma gestão multilateral da vacinação, nós estamos novamente vendo essa grande divisão entre o mundo global do Norte e do Sul. Até mesmo uma divisão entre a parte Norte global. Uma competitividade entre a Europa e EUA. Isso significa que ainda temos que lutar contra essas formas de desigualdade. Nós temos que aprender as lições da Covid-19 agora e mais do que nunca, nós temos que insistir naquilo que eu chamo de política, ou cosmopolítica, de humanidade. O que talvez seria uma boa tradução para a palavra zulu *ubuntu*.

**Em um texto seu, traduzido no Brasil e publicado com o título *A negritude como movimento e como devir*, você interpreta o movimento negro de um ponto de vista filosófico heraclítico. Muito se tem discutido, na atualidade, sobre as questões identitárias. Dessa forma, como podemos conciliar essas perspectivas, isto é, da constituição das identidades com a noção de movimento? Poderia nos explicar um pouco mais a forma como você compreende essa relação?**

<sup>1</sup> Disponível pelo link: [http://ensaiosfilosoficos.com.br/Artigos/Artigo15/o2\\_DIAGNE\\_Ensaio\\_Filosoficos\\_Volume\\_XV.pdf](http://ensaiosfilosoficos.com.br/Artigos/Artigo15/o2_DIAGNE_Ensaio_Filosoficos_Volume_XV.pdf).

*been today, at the time of Covid-19. This idea that we have to reach our humanity together. However, what does this mean today? Initially, without a doubt, we have to try to fight inequalities. Right now, as we are mass vaccinating the world, inequality is springing up. Instead of having a multilateral management of vaccination, we are again seeing this great divide between the global world in the North and the South. Even a division between the global North part. Competitiveness between Europe and the USA. This means that we still have to fight these forms of inequality. We have to learn the lessons from Covid-19 now and more than ever, we have to insist on what I call politics, or cosmopolitics, of humanity. Which perhaps would be a good translation for the word zulu ubuntu.*

***In a text written by you, translated in Brazil, and published under the title “A negritude como movimento e como devir” (“La négritude comme mouvement et devenir”)<sup>4</sup>, you deal with the black movement from a Heraclitean philosophical point of view. Much has been discussed, today, about identity issues. Thus, how can we reconcile these perspectives both the constitution of identities and the notion of movement? Could you explain a little more about it and how you understand this relationship?***

*I would like to quote, briefly, one of my books, published in 2011, which deals with this subject. It is a book on the philosophy of mathe-*

<sup>4</sup> Available at: [http://ensaiosfilosoficos.com.br/Artigos/Artigo15/o2\\_DIAGNE\\_Ensaio\\_Filosoficos\\_Volume\\_XV.pdf](http://ensaiosfilosoficos.com.br/Artigos/Artigo15/o2_DIAGNE_Ensaio_Filosoficos_Volume_XV.pdf).

Gostaria de citar, rapidamente, um dos meus livros, publicado em 2011, que trata sobre esse assunto. É um livro sobre filosofia da matemática, que fala de um poeta, filósofo e estadista chamado Muhammad Iqbal. O livro se chama *Islam and Open Society: fidelity and movement in the philosophy of Muhammad Iqbal*<sup>2</sup>. Fidelidade e movimento; identidade e ser. Eu sempre penso essas duas dimensões em conjunto ou conjuntamente. Em outras palavras, estou simplesmente revistando algo que o pensador Aimé Fernand David Césaire disse, em seu famoso ensaio de 1956, sua carta a Maurice Thorez, onde ele diz que estava saindo do partido comunista francês porque ele não acreditava que estava sendo representado verdadeiramente. Ele acreditava que sua identidade como um negro colonizado, como uma pessoa negra colonizada, não estava sendo bem representada no discurso universalista do partido comunista francês. Mas aí ele diz: “não entenda errado. Eu não tenho um conceito de identidade fechado. Eu não estou aprisionado em minha identidade”. É isso o que quero dizer quando falo sobre identidade como movimento e ser. Isso quer dizer que uma pessoa não tem uma característica essencialista ou petrificada de identidade. Mas é algo que podemos inventar. E tem muitas dimensões do meu trabalho que abordo para tentar demonstrar isso.

Primeiramente, considero que o mais importante não é a pergunta pela identidade, mas a pergunta sobre o que nós vamos nos tornar. Em

*matics, which speaks of a poet, philosopher and statesman named Muhammad Iqbal. The book on is called Islam and Open Society: fidelity and movement in the philosophy of Muhammad Iqbal*<sup>5</sup>. *Fidelity and movement; identity and being. I always think of these two dimensions together or jointly. In other words, I am simply going through something that the thinker Aimé Fernand David Césaire said, in his famous 1956 essay, his letter to Maurice Thorez, where he says he was leaving the French Communist party because he did not believe he was being truly represented. He believed that his identity as a colonized black, as a colonized black person, was not being well represented in the universalist discourse of the French communist party. But then he says: “Don’t get it wrong. I don’t have a closed identity concept. I am not trapped in my identity”. That’s what I mean when I talk about identity as a movement and being. This means that a person does not have an essentialist or petrified identity characteristic. But it is something that we can invent. And there are many dimensions of my work that I approach to try to demonstrate that.*

*First, I consider that what is most important is not the question of identity, but the question of what we are going to become. In other words, how we keep possibilities open. We don’t have to limit ourselves. We have to have a fluid concept of identity. It is something in motion. It is always becoming something, and we have to recognize that. A second point, identity gives us a different*

<sup>2</sup> Há um texto do filósofo entrevistado, publicado na Cairn.info, sobre esse tema disponível no link: [https://www.cairn-int.info/article-E\\_DIO\\_202\\_0145--islam-and-philosophy-lessons-from-an.htm](https://www.cairn-int.info/article-E_DIO_202_0145--islam-and-philosophy-lessons-from-an.htm).

<sup>5</sup> The interviewed philosopher published on Cairn.info a text about this topic. It is available at: [https://www.cairn-int.info/article-E\\_DIO\\_202\\_0145--islam-and-philosophy-lessons-from-an.htm](https://www.cairn-int.info/article-E_DIO_202_0145--islam-and-philosophy-lessons-from-an.htm).

outras palavras, como mantemos possibilidades abertas. Não temos que nos limitar. Temos que ter um conceito fluido de identidade. Ela é algo em movimento. Está sempre se tornando algo e temos que reconhecer isso. Um segundo ponto, a identidade nos dá uma diferente maneira de pensar a respeito do que é preciso fazer. Quando olho a tradução prática desse conceito de “se tornar” ou de “fidelidade a si mesmo” quanto ao movimento, isso quer nos dizer que o que tenho que fazer hoje é ditado não por minha tradição ou meu passado (claro, eles participam também das minhas ações), mas minha ação vai ser ditada ou moldada pelo que eu quero que eu seja; como eu me projeto. Essa é a abertura de uma identidade em movimento, da qual falo em alguns dos meus trabalhos. Em outras palavras, os motivos pelo que eu faço hoje vem do futuro e não do passado. Então, todos esses elementos são o porquê, você tem razão em chamar de um entendimento heraclitiano, da noção de identidade. Em síntese, acredito que a verdadeira fidelidade à identidade está no movimento de se inventar. Logo, de certa maneira, sendo fiel a quem você é, você pode fazer coisas diferentes. Você pode agir diferentemente exatamente, ou precisamente, por causa dessa fidelidade.

**Recentemente a psicanalista francesa, Elisabeth Roudinesco, publicou *Soi-même comme un roi: essai sur les dérives identitaires*<sup>3</sup>, uma obra na qual fala de uma certa crise dos grupos minoritários que lutam contra a desigualdade. A incapacidade de**

*way of thinking about what you have to do. When I look at the practical translation of this concept of “becoming” or “loyalty to yourself” in terms of the movement, it means that what I have to do today is dictated not by my tradition or my past (of course, they also participate my actions), but my action will be dictated or shaped by what I want me to be; how I project myself. This is the opening of an identity in motion, which I speak of in some of my works. In other words, the reasons for what I do today come from the future and not from the past. So, all these elements are why, you are right to call it a Heraclitean understanding, the notion of identity. In summary, I believe that true fidelity to identity is in the movement of inventing oneself. So, in a way, by being true to who you are, you can do different things. You can act differently exactly, or precisely, because of that loyalty.*

**Recently the French psychoanalyst, Elisabeth Roudinesco, published *Soi-même comme un roi: essai sur les dérives identitaires*<sup>6</sup>, a work in which it speaks of a certain crisis of minority groups that struggle against inequality. The inability to think collectively, as minorities, has in a way undermined the greater purpose of all microgroups, which is nothing less than a review of historical injustices and inequalities. How do you understand this reading in relation to your studies on identity and movement or, in your words, identity and being?**

<sup>3</sup> Cf. <https://u-paris.fr/soi-meme-comme-un-roi-essai-sur-les-derives-identitaires/>.

<sup>6</sup> Cf. <https://u-paris.fr/soi-meme-comme-un-roi-essai-sur-les-derives-identitaires/>.



**se pensar coletivamente, enquanto minorias, tem minado, de certa forma, o propósito maior de todos os microgrupos que é nada menos do que a revisão das injustiças e das desigualdades históricas. Como você compreender essa leitura com relação aos seus estudos sobre identidade e movimento ou, em suas palavras, identidade e ser?**

Parece-me que se trata menos de uma questão de escolher o que mudar ou não mudar, a invés de apenas abraçar a mudança, o movimento. Se você abraça essa mudança, a sua identidade cerne vai se manter a mesma. Ela perdura. Você só vai saber se ela é sua identidade cerne se você perceber que ela permanece. O movimento não nos descaracteriza. Ao contrário, ele põe à prova e reafirma nossa identidade cerne. Ou seja, a maneira com que você se projeta é a manifestação daquilo que chamo de “identidade cerne” ou “interior”. Uma imagem que eu usaria para ilustrar isso que digo, de um filósofo que eu gosto muito e que se chama Henri Bergson. Ele usou a metáfora de uma bola de neve consigo mesma. É uma metáfora incomum, mas é para nos ajudar a imaginar a que estou me referindo. A bola de neve sempre está adquirindo uma nova identidade e um novo ímpeto através do seu movimento. No entanto, o seu cerne ainda é o mesmo; é o que define o movimento. Então, me parece que essa metáfora da bola de neve de si mesmo, como exemplo daquilo que Bergson chamou de existência, seria uma forma razoável para tentar explicar essa relação entre a noção de fidelidade, ou de ser fiel a si mesmo, e a noção de movimento – que podemos comparar às ações dos grupos minoritários, como constatado pela psicanalista Elisabeth.

*It seems to me that it is less a question of choosing what to change or not to change, rather than just embracing change, movement. If you embrace this change, your core identity will remain the same. It endures. You will only know if it is your core identity if you realize that it remains. The movement does not de-characterize us. On the contrary, it tests and reaffirms our core identity. In other words, the way you project yourself is the manifestation of what I call “core identity” or “interior”. An image that I would use to illustrate what I say, of a philosopher that I like a lot and whose name is Henri Bergson. He used the metaphor of a snowball with himself. It is an unusual metaphor, but it is to help us imagine what I am referring to. The snowball is always acquiring a new identity and a new impetus through its movement. However, its core is still the same; is what defines the movement. So, it seems to me that this snowball metaphor of himself, as an example of what Bergson called existence, would be a reasonable way to try to explain this relationship between the notion of fidelity, or being true to yourself, and the notion of movement - which we can compare to the actions of minority groups, as verified by the psychoanalyst Elisabeth Roudinesco.*

**What do you think about the conclusion that philosophy would have started with the “Greek miracle”?**

*I am happy that you are discussing this because it is obviously important for us philosophers, and that we are also teachers of philosophy. We teach history of philosophy - probably the only subject where its history is itself. Philosophy is your story at the same time. Therefore, history is*

## O que você pensa sobre a conclusão de que a filosofia teria iniciado com o “milagre grego”?

Estou feliz que vocês estejam discutindo isso porque obviamente é importante para nós, filósofos, e que também somos professores de filosofia. Nós ensinamos história da filosofia – provavelmente a única matéria onde sua história é si mesmo. A filosofia é sua história ao mesmo tempo. Portanto, a história é muito importante para a filosofia. O que percebemos de longo tempo é que a história da filosofia tem sido construída, ou fabricada em determinado ponto, como o *telos* da Europa; como uma manifestação unicamente da Europa. A Europa se construiu sob essa ótica de herdeiros dos gregos, do “milagre grego” e da filosofia grega. Eles decidiram que isso era, como a expressão que você apresenta, um milagre. É muito conveniente falar nesses termos. Por definição, um milagre é precedido por nada; influenciado por nada. Simplesmente ele acontece, se manifesta, e deixa todos impressionados. Ele surge a partir de si mesmo e é sua própria explicação. Poderíamos dizer que ele é axiomático. De um ponto de vista factual, isso não é verdade ou pelo menos não é assim que as coisas acontecem. Quando os lemos, os próprios gregos nunca disseram que inventaram algo chamado “filosofia”. Se vocês lerem Platão, perceberão o que ele mesmo falou da relação entre os gregos e os egípcios, e o que os gregos deviam a eles. Além dessa, podemos encontrar outras referências às influências que ocorreram na filosofia grega clássica que provém de outras culturas. Por isso, é uma tolice pensar que o pensamento filosófico nasceu em apenas uma localidade humana e que teria surgido a partir de um milagre. É uma mani-

*very important for philosophy. What we perceive for a long time is that the history of philosophy has been built, or manufactured at a certain point, as if Europe's telos; as a manifestation only of Europe. Europe was built under this perspective of heirs to the Greeks, the “Greek miracle” and Greek philosophy. They decided that this was, as the expression you bring presents, a miracle. It is very convenient to speak in these terms. By definition, a miracle is preceded by nothing; influenced by nothing. It just happens, it manifests itself, and it leaves everyone impressed. It arises out of itself and is its own explanation. We could say that he is axiomatic. From a factual point of view, this is not true or, at least, that is not the way it is. When we read them, the Greeks themselves never said that they invented something called “philosophy”. If you read Plato, you will see what he himself said about the relationship between the Greeks and the Egyptians, and what the Greeks owed them. In addition to this, we can find other references to the influences that occurred in classical Greek philosophy that comes from other cultures. So, it is foolish to think that philosophical thought was born in just one human location and that it would have arisen out of a miracle. It is a manifestation of our own humanity to deal with philosophical issues. Therefore, by definition, philosophy is an expression of the human being. Therefore, affirming a single birthplace of philosophical thought is a mistake.*

*The Greek miracle is a way of saying that it started in Greece - and nowhere else - and, from then on, it had a linear trajectory until it reaches Christian Europe. And this trajectory received the Latin name *translatio studii* or *translatio studiorum* - the translation of science*

festação da nossa própria humanidade lidar com questões filosóficas. Portanto, por definição, a filosofia é uma expressão do ser humano. Diante disso, afirmar um único local de nascimento do pensamento filosófico é um erro.

O milagre grego é uma maneira de dizer que começou na Grécia - e em mais nenhum outro lugar - e, a partir daí teve uma trajetória linear até chega a Europa cristã. E essa trajetória recebeu o nome latino *translatio studii* ou *translatio studiorum* - a tradução da ciência e dos estudos fundamentalmente da tradição filosófica. Essa foi uma expressão medieval, mas se lermos os filósofos medievais eles mesmos nunca pensaram que esse *translatio studii* fosse simplesmente algo único ou exclusivamente europeu. Se lermos Roger Bacon - conhecido na época medieval como *Doctor mirabilis* - ele dizia, referindo-se à *translatio studii*, que a filosofia foi dada por Deus, primeiro em hebreu sendo depois traduzida para o grego - a língua do proeminente Aristóteles. E ele continua dizendo que ela foi, depois, traduzida para o árabe, e uma das figuras importantes era Avicenna. E, por fim, ela foi traduzida para o latim. Mas, Roger Bacon achava que até o seu momento o latim não tinha grandes obras. Isso é muito interessante porque nessa época (da filosofia medieval), havia um europeu que não considerava que a filosofia fosse propriedade exclusiva da Europa. Roger Bacon não acreditava que a filosofia nasceu do "milagre grego" e aí teria passado diretamente à Europa. Mas, então, de onde teria surgido essa noção de "origem" da filosofia? Ela vem principalmente do início do século XIX, com a segunda onda do colonialismo (neocolonialismo). Havia, nessa nova onda de colonialismo, essa construção intelectual europeia como se fossem

*and studies fundamentally from the philosophical tradition. This was a medieval expression, but if we read the medieval philosophers, they themselves never thought that this translatio studii was simply something unique or exclusively European. If we read Roger Bacon - known in medieval times as Doctor mirabilis - he said, referring to the translatio studii, that philosophy was given by God, first in Hebrew and then translated into Greek - the language of the prominent Aristotle. And he goes on to say that it was later translated into Arabic, and one of the important figures was Avicenna. Finally, it was translated into Latin. But Roger Bacon thought that until his time, Latin did not have great works. This is very interesting because at that time (of medieval philosophy), there was a European who did not consider philosophy to be the exclusive property of Europe. Roger Bacon did not believe that philosophy was born out of the "Greek miracle" and then it would have passed directly to Europe. But then, where did this notion of the "origin" of philosophy come from? It comes mainly from the beginning of the 19th century, with the second wave of colonialism (neocolonialism). In this new wave of colonialism, there was this European intellectual construction as if they were an exceptional humanity. For example, in his lectures on the history of philosophy, Hegel began to build this trajectory of the absolute spirit going from Greece to the German Empire. So, the translatio studiorum was simplified as this unilinear trajectory. If we look at the true story, seeing the paths and deviations of Greek philosophy, what we will actually discover is that the path was not as linear and unidirectional as we are told - leaving Athens and ending up in Rome; after Rome to Heidel-*

uma humanidade excepcional. Por exemplo, em suas palestras sobre a história da filosofia, Hegel começou a construir essa trajetória do espírito absoluto indo da Grécia ao Império alemão. Então, o *translatio studiorum* foi simplificado como essa trajetória unilinear. Se olharmos a verdadeira história, vendo os caminhos e os descaminhos da filosofia grega, na verdade o que descobriremos que o caminho não foi tão linear e unidirecional como nos contam – saindo de Atenas indo parar em Roma; depois de Roma a Heidelberg e depois indo parar em Londres e Paris. Na verdade, vemos uma trajetória que vai de Atenas a Bagdá; depois para Alexandria; Córdoba, na Espanha; Marrocos e passa por Tombuctu, no coração da África. As pessoas não sabem que, nessa região, Tombuctu, a lógica aristotélica foi ensinada antes dos europeus pisarem nesse território. De onde veio? Pelo *translatio studii* para o árabe e o mundo islâmico.

Precisamos descolonizar a história da filosofia. E a sua descolonização significa que temos que pluralizar as geografias, até mesmo da filosofia grega. Não existe apenas a filosofia grega e até mesmo ela não se pretendia a essa simplificação colonial. Ela viajou por vários continentes e seus pensadores foram capazes de responder a influência dessas outras culturas na constituição dos seus sistemas de pensamento. Precisamos pluralizar as linguagens da filosofia. Por quê? Algo que está junto da ideia do milagre grego é a ideia de que a língua grega é, por excelência, a língua da filosofia. Heidegger deixou isso bem claro. E, para a atualidade, o “grego moderno” da filosofia seria a língua alemã. Essa ideia de que a linguagem da filosofia tem que ser uma língua indo-europeia por conta da presença do verbo ser (*to be*), que é usado como cópula para atribuir coisas. Sócrates

*berg and then ending up in London and Paris. In fact, we see a trajectory that goes from Athens to Baghdad; then to Alexandria; Cordoba, Spain; Morocco and passes through Tombuctu, in the heart of Africa. People are unaware that, in this region, Tombuctu, Aristotelian logic was taught before Europeans stepped into that territory. Where did it come from? By translatio studii to the Arab and Islamic world.*

*We need to decolonize the history of philosophy. And its decolonization means that we have to pluralize geographies, even Greek philosophy. There is not only Greek philosophy and even this colonial simplification was not intended. She traveled across continents and her thinkers were able to respond to the influence of these other cultures on the constitution of their systems of thought. We need to pluralize the languages of philosophy. Why doing that? Something that goes hand in hand with the idea of the Greek miracle is the idea that the Greek language is, par excellence, the language of philosophy. Heidegger made that very clear. And, for the present, the “modern Greek” of philosophy would be the German language. This idea that the language of philosophy has to be an Indo-European language due to the presence of the verb to be (to be), which is used as copulation to attribute things. Socrates is a man. Socrates is... The role of the verb to be is what explains why Heidegger insisted so much on the fact that Greek, and later German, were the languages of philosophy. This is an idea that we need to deconstruct so that we can decolonize the history of philosophy. Therefore, pluralism is my last word. Pluralism seen in the translatio studii and pluralism of the languages of philosophy.*



é homem. Sócrates é... o papel do verbo *to be* é o que explica porque Heidegger insistiu tanto no fato de que o grego, e depois o alemão, eram as linguagens da filosofia. Essa é uma ideia que precisamos desconstruir para que possamos descolonizar a história da filosofia. Portanto, o pluralismo é minha última palavra. Pluralismo visto no *translatio studii* e pluralismo das linguagens da filosofia.

### **Qual o papel das Humanidades em tempos de pandemia?**

De certa maneira, na primeira pergunta que você me fez, eu comecei a responder um pouco disso. Eu acredito que a pandemia traz importantes questões éticas que se relacionam com o conceito de humanidade única, que eu havia apresentado. Mas veja bem, uma humanidade única respeitando e valorizando essa pluralidade de culturas e de linguagens. Tomando um exemplo específico, eu fui muito entrevistado e escrevi muito durante essa pandemia sobre a importância, ou o lugar, da religião nesse contexto pandêmico. A religião é, obviamente, um dos assuntos, um dos temas das Humanidades. E qual tem sido a resposta das religiões (no plural) à pandemia? Como as religiões enxergam a pandemia? Obviamente, uma catástrofe como esta, uma ameaça de vida ou morte, certamente tem uma ressonância para aqueles que pensam sobre a religião ou trabalham sobre o tema da filosofia da religião. Quais são os impactos para os encontros proporcionados pelas congregações religiosas? Sabemos que etimologicamente a palavra religião significa conexão (*religare*). E o que vemos atualmente é uma humanidade que é obrigada a *desconectar*, a *desligar*. E uma maneira de lutar contra esse vírus é *desligar*. E o que a religião diz quanto a isso? Esse é, ao meu modo de ver, um dos

### **What's the role of the humanities in times of pandemic?**

*In a way, in the first question you asked me, I started to answer some of that. I believe that the pandemic raises important ethical issues that have to do with the concept of unique humanity, which I had presented. But you see, a unique humanity respecting and valuing this plurality of cultures and languages. Taking a specific example, I was interviewed a lot and wrote a lot during this pandemic about the importance, or the place, of religion in this pandemic context. Religion is, obviously, one of the subjects, one of the themes of the Humanities. And what has been the response of religions (in the plural) to the pandemic? How do religions view the pandemic? Obviously, a catastrophe like this, a threat to life and death, certainly has a resonance for those who think about religion or work on the theme of philosophy of religion. What are the impacts of the meetings provided by religious congregations? We know that etymologically the word religion means connection (religare). And what we see today is a humanity that is forced to disconnect, to detach. And one way to fight this virus is to turn it off. And what does religion say about that? This is, in my view, one of the challenges that the pandemic has brought us.*

*More fundamentally, I believe that this pandemic has brought us back to the question or the question of humanism. Humanism was very badly spoken at one time. Now we are returning to it, and I believe that it is important to return to the idea of a vital humanism - a humanism about life and death. In that sense, what kind of defenses do we want to create to protect humanity? What does this mean (join us to defend ourselves*

desafios que a pandemia nos trouxe.

De uma maneira mais fundamental, acredito que essa pandemia nos trouxe de volta à pergunta ou à questão do humanismo. O humanismo estava muito mal falado em determinada época. Agora estamos voltando a ele e acredito que seja importante retomar a ideia de um *humanismo vital* – um humanismo sobre vida e morte. Nesse sentido, que tipo de defesas queremos criar para proteger a humanidade? O que isso quer dizer (nos juntar a nos defender em conjunto para vencer nossas divisões que nasceram da desigualdade)?

Acredito que todas essas questões são perguntas que nós, que trabalhamos nas Humanidades, vamos ter que enfrentar nos próximos anos. Teremos mais clareza sobre elas, assim aposto, conforme o tempo for passando. Evamos conseguir pensar em novas respostas a partir de questões antigas – como o tema do humanismo, a morte, as desigualdades, etc. Não apenas nossa vulnerabilidade como humanos, mas também a vulnerabilidade do nosso planeta. Eu já escrevi falando sobre isso; sobre a ideia de atingir nossa humanidade e reciprocidade, vivendo juntos na Terra. Tenho a impressão de que essas coisas que escrevi em um contexto totalmente diferente do que estamos vivendo atualmente, agora assumem uma importância maior; essas questões fundamentais da humanidade se tornaram perguntas mais urgentes, mais fundamentais.

*together to overcome our divisions that were born out of inequality)?*

*I believe that all these questions are questions that we, who work in the Humanities, will have to face in the coming years. We will have more clarity on them, I bet, as time goes by. And we will be able to think of new answers based on old questions - such as the theme of humanism, death, inequalities... Not only our vulnerability as humans, but also the vulnerability of our planet. I already wrote about it; about the idea of reaching our humanity and reciprocity, living together on Earth. I have the impression that these things that I wrote in a totally different context from what we are currently experiencing, now take on greater importance; these fundamental questions of humanity have become more urgent, more fundamental questions.*



**Instituto  
Ciência e  
Fé PUCPR**



Com a parceria de:

Programa de  
Pós-graduação em  
Filosofia PUCPR

Laboratório de  
Estudos sobre o  
Contemporâneo